

## O mundo possível torna-se necessário

Mais de 130 mil pessoas participaram do Fórum Social Mundial 2009. Aos milhares, militantes e trabalhadores de todos os cantos do mundo tomaram as ruas de Belém, capital do Pará, na esperança de debater caminhos para o tão sonhado outro mundo possível. Nas discussões, o que se percebeu foi a urgência em implementar este outro mundo, que deixa de ser apenas possível, mas necessário.

Os temas que mais caminharam no sentido de buscar alternativas concretas ao atual modelo de "desenvolvimento" foram os relativos ao meio ambiente e sustentabilidade. A atual crise econômica não deixou de ser pauta sob o ponto de vista dos trabalhadores. Chefes de Estado da América Latina prestigiaram o evento e foram incisivos ao afirmarem que a crise mundial só será vencida se os países latino-americanos se unirem em torno do chamado Socialismo do Século XXI.

Nações indígenas brasileiras e estrangeira marcaram presença e exigiram políticas públicas voltadas às suas especificidades. Movimentos de mulheres e pelas minorias também bradavam suas reivindicações em busca de justiça e igualdade.

Durante seis dias Belém acolheu muito mais que discussões, mas a esperança coletiva de que um mundo melhor pode nascer a partir de ações concretas. A crise financeira é o anúncio: o mundo do capital está em crise. É hora de arregaçar as mangas.



**Entrevista página 4**  
O ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República, Luiz Dulci, fala ao Jornal da Fisenge sobre o Fórum Social Mundial 2009. O ministro responde a questões importantes para os trabalhadores e movimentos sociais

## EDITORIAL

## Gosto de Quero Mais

SOS Amazônia foi o grito de alerta de 1500 índios de países amazônicos e ativistas de diversos continentes na cerimônia de abertura da nona edição do Fórum Social Mundial (FSM). Era grande a diferença em relação aos fóruns anteriores: o histórico encontro de Belém acontecia em um cenário ímpar, com destaque para a grave crise do capitalismo e suas estruturas. Identificava-se, ainda, as mudanças nos rumos da política latino-americana.

O que se apresentava aos militantes de todos os cantos do planeta unidos na luta contra o neoliberalismo, fome, guerras, crimes ambientais, desvios de verbas públicas, preconceitos e concentração de renda, era um novo desenho das relações internacionais, tanto no campo econômico quanto político.

As presenças dos presidentes Hugo Chávez (Venezuela), Evo Morales (Bolívia), Rafael Correa (Equador), Fernando Lugo (Paraguai) e Luiz Inácio Lula da Silva (Brasil) indicavam mudanças acentuadas no campo da política latino-americana. Estes participantes, vistos por alguns como indesejáveis, protagonizaram cenas inéditas sobre as novas diretrizes da política continental. Os novos conceitos disseminados indicavam mudanças inquestionáveis.

A dimensão diferenciada do FSM 2009, em plena paisagem amazônica, com populações indígenas, quilombolas, tambores africanos, mídia livre, e chefes de Estado mobilizando os movimentos sociais para a luta contra o modelo neoliberal e a construção de um projeto socialista, enquanto em Davos, no Fórum Econômico, o clima era de derrota, gerou um sentimento de que era possível ir muito além.

O quadro político favorece a ousadia, exige organização à altura e mobilização urgente. O gosto de quero mais generalizado é resultado da percepção de que urge a necessidade de organização e de que é preciso consolidar, com ações concretas, as mudanças que já aconteceram.

## A diretoria

## De trabalhadores para trabalhadores

Fisenge e Senges filiados levam ao FSM2009 importantes discussões para a categoria

Durante os cinco dias de discussões e oficinas, a Fisenge e seus Senges filiados promoveram e participaram de debates que inseriram no Fórum Social Mundial pautas e reivindicações dos trabalhadores, especialmente engenheiros e arquitetos. Uma delas, promovida pela Federação Nacional dos Arquitetos e Urbanistas, debateu a Lei 11.888, de 24 de dezembro de 2008, conhecida como Lei da Engenharia Pública. O secretário geral da Fisenge, engenheiro Clóvis Nascimento, foi um dos palestrantes.

Para o diretor é imprescindível pensar a Engenharia na perspectiva do desenvolvimento social. "Esta Lei beneficiará famílias de baixa renda que acabam construindo casas inseguras porque não têm acesso à mão-de-obra especializada", afirmou. Para os profissionais o ganho é a abertura de novos postos de trabalho.

## Privatização e precarização

No dia 30 de janeiro a Fisenge promoveu a oficina "Privatização e precarização das relações de trabalho – Alternativas Democráticas", que teve como convidados o diretor da Labournet Germany, Helmut Weiss, e a secretária de Organização Sindical da CUT, Denise Motta.

Weiss abordou o sucateamento do trabalho formal na Europa como resultado da política de privatizações. "O sistema de diminuição do Estado e de suas responsabilidades abre cada vez mais o abismo existente entre ricos e pobres. Quem pode pagar tem serviços de qualidade, quem não pode, nem sequer é reconhecido como cidadão", afirmou.

Denise Motta falou sobre o papel da CUT em proteger o trabalhador das investidas neoliberais. "É necessário repensarmos a estrutura do Estado brasileiro, para fortalecer e desenvolver o país através de políticas sociais que ga-

rantam justiça e distribuição equânime de riquezas".

## Comunicação e hegemonia

A Fisenge participou da mesa que debateu a "Comunicação Sindical antes, durante e depois da crise". A oficina organizada pelo Núcleo Piratininga de Comunicação (NPC) trabalhou as diversas formas de se falar aos trabalhadores.

Carlos Bittencourt, presidente da Fisenge, apresentou o projeto de comunicação da entidade, afirmando que "nosso papel tem sido o de defender, apoiar e potencializar as lutas dos trabalhadores através dos nossos veículos".

## Criminalização dos trabalhadores

Raul Otávio Pereira, diretor executivo da Fisenge, participou em conjunto com o Sengen-MG e outros sindicatos, da oficina promovida pela CUT Minas, que trazia como tema a criminalização dos movimentos sindical e social. Diversas propostas foram avaliadas na ocasião, com o objetivo de fortalecer o movimento sindical especialmente no estado de Minas Gerais. A campanha "Em Minas não se respira liberdade" avançou em deliberações para atos e protestos no estado.

## Amazônia em debate

O Sengen-RJ, com participação da Fisenge, promoveu a oficina "Atualidade Econômica, social e ambiental da Amazônia", com os palestrantes Marcos Lemos, delegado da Divisão Especializada em Meio Ambiente do Estado do Pará, e o professor Alberto Lourenço, assessor do Núcleo de Assuntos Estratégicos da Presidência da República.

Na ocasião, foram apresentados os principais problemas enfrentados na região amazônica, como desmatamentos, grilagens e violência associada à disputa de terras. A exploração desenfreada de minérios também tem sido fator de preocupação, devido, especialmente, aos trabalhadores que são explorados sem nenhum tipo de direitos trabalhistas.

fisenge

FEDERAÇÃO INTERESTADUAL DE SINDICATOS DE ENGENHEIROS

**DIRETORIA EXECUTIVA:** Carlos Roberto Bittencourt - PR - **Presidente;** Vicente de Paulo Alves Lopes Trindade - MG - **Vice-Presidente;** Renato Andrade - BA - **Diretor Financeiro;** Clóvis Francisco Nascimento Filho - RJ - **Secretário Geral;** Fernando Elias Vieira Jogaib - VR - **Diretor de Relações Sindicais;** José Ezequiel Ramos - RO - **Diretor Executivo;** Eduardo Medeiros Piazero - SC - **Diretor Executivo;** Raul Otávio da Silva Pereira - MG - **Diretor Executivo;** Roberto Luiz de Carvalho Freire - PE - **Diretor Executivo**  
**Coordenadora de Comunicação:** Tania Coelho; **Jornalista Responsável:** Silvana Sá MTE: 30.039/RJ; **Diagramação:** José Carlos Bezerra; **Tiragem:** 2.000 exemplares; **Impressão:** Gráfica Falcão; **Fisenge:** Av. Rio Branco, 277 - 17º andar - CEP 20040-009 - Centro - Rio de Janeiro - RJ - Tel: (21) 2533-0836 - Fax: (21) 2532-2775 - **E-mail:** fisenge@fisenge.org.br **Site:** www.fisenge.org.br  
**Sindicatos filiados:** Seagro-SC; Sengen-BA; Sengen-ES; Sengen-MG; Sengen-PB; Sengen-PE; Sengen-PR; Sengen-RJ; Sengen-RO; Sengen-SE; Sengen-VR

# FSM2009 reafirma força dos movimentos sociais e de trabalhadores

Evento se consolida como processo de debate e luta por uma nova organização do mundo

Uma grande demonstração de força dos movimentos de esquerda do mundo. Essa é uma boa definição do que foi o Fórum Social Mundial 2009. Mais de 150 mil pessoas reunidas em torno de discussões sobre como desconstruir o modelo hegemônico da atualidade, o capitalismo neoliberal. O momento não podia ser mais oportuno: o capital dá sinais de fraqueza e empresários de todo o mundo se ajoelham diante do Estado buscando ajuda para superarem a crise. Para Vito Giannotti, escritor e coordenador do Núcleo Piratininga de Comunicação, o FSM é uma importante arma de articulação, mas não bastam as discussões que se estabeleceram lá. "O passo seguinte é cada movimento presente neste encontro entrar na luta concreta para esta nova construção", avaliou.

## FSM precisa ser mais deliberativo

Um dos idealizadores do FSM e professor da UERJ, Emir Sader, afirmou que o modelo proposto ao Fórum precisa ser revisto. "Não dá mais para ficarmos discutindo e depois voltarmos pra casa como se nada tivesse acontecido. Esse espaço precisa virar um fórum deliberativo, ou não teremos mais razão de estarmos aqui", afirmou.

O presidente da Fisenge, Carlos Bittencourt, acredita que os pontos macros do FSM ajudaram a unir a esquerda mundial, já que muitas lutas são comuns. "Sem dúvida, foi um ganho. A crítica é que este modelo de discussão sem aglutinação de forças no pós-fórum pode enfraquecer as lutas. É preciso, de alguma maneira, buscar estratégias para dar continuidade ao movimento", afirmou.

Para o diretor da Fisenge, Agamenon Oliveira, apesar da necessidade de deliberações ser sentida, esta edição do evento trouxe avanços importantes. De acordo com



FOTOS: SILVANA SA

Participantes do FSM2009 na marcha de abertura do evento: compromisso com irreverência

Agamenon, o que mais marcou o FSM2009 foram as assembléias temáticas, no último dia do evento. "O FSM deste ano organizou-se claramente de forma temática e encerrou-se com uma plenária consolidando um conjunto de propostas e um extenso calendário de lutas", avaliou. Para Agamenon, que também é diretor do Senge-RJ, isso se deve ao atual momento que demonstra a urgência de se pensar um outro modelo de desenvolvimento.

## América Latina: palco do novo mundo

Para o diretor da Fisenge, Raul Otávio Pereira, o FSM não pode deixar para trás seu caráter de ser um espaço de formação e articulação política. De acordo com o dirigente, esteve clara durante todo o evento a intenção de se construir um modelo político que se transforme em uma alternativa ao modelo neoliberal. "As lideranças políticas presentes ao fórum apontaram claramente os caminhos através dos quais poderá começar a ser construída uma nova ordem, se não mundial, pelo menos latino-americana", disse.

O FSM2009 centrou suas discussões na natureza e nos novos moldes de produção e consumo que o mundo precisa adotar. De acordo com o presidente do Senge-

PR, Valter Fanini, o fato de o evento ser realizado em Belém já demonstrava o objetivo. "O Fórum Social Mundial de Belém centraliza esforços no debate do meio ambiente, tanto que estávamos na Amazônia, buscando despertar a consciência ambiental e mostrar um outro enfoque que não o exclusivamente produtivista, do modo de vida capitalista", comentou.

## Todos buscam o mesmo objetivo

Um dos aspectos do FSM2009 que mais chamou atenção dos participantes foi a pluralidade de idéias que permeou todo o evento. Credos, culturas, etnias, valores dos mais diversos estavam concentrados num só lugar. Em comum o desejo de transformar a realidade, de lutar por uma sociedade pautada em valores sociais.

É a opinião do diretor da Fisenge, Eduardo Piazeria. "Para além dessas diferenças, e quem sabe por elas fortalecido, havia o sentimento essencial nos participantes de que buscar uma nova ordem social para o mundo é imperativo ou estaremos fadados ao colapso", afirmou. O fato de existirem raras experiências concretas que façam oposição à lógica do mercado não significa, para o diretor, um aspecto negativo.

"Isso demonstra, apenas, que o esforço de se pensar bases teóricas consistentes para um possível outro mundo deve continuar na pauta das instituições, entidades e pessoas que participaram deste Fórum".



A partir da esquerda: Denise Motta, Carlos Bittencourt, Helmut Weiss e Raul Otávio na oficina promovida pela Fisenge

## ENTREVISTA LUIZ DULCI

# Estado forte, mas submetido ao controle social

Ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República, Luiz Dulci, afirma que o Estado deve ser forte o suficiente para reger o país, mas sem escapar ao controle social. O ministro também avalia o FSM2009 e a participação dos movimentos sociais no evento.

RICARDO STUCKERT/PR

## Qual sua avaliação do Fórum Social Mundial 2009?

**Luiz Dulci** - Das nove edições do Fórum Social Mundial esta foi, sem dúvida, uma das melhores. Foram mais de 100 mil participantes, de todas as regiões do planeta. Todos os temas importantes do desenvolvimento brasileiro e global foram contemplados. Temas econômicos, sociais, culturais, ambientais, etc. E as conclusões desse debate vasto e plural me parecem mais atuais do que nunca.

## Quais discussões que mais avançaram?

**Dulci** - Constatou-se, antes de mais nada, a falência teórica e prática do chamado modelo neoliberal imposto ao mundo nas últimas décadas. Os movimentos sociais defendem uma nova ordem econômica e política internacional. Eles propõem, na verdade, um novo modelo de desenvolvimento, pós-neoliberal, que seja sustentável tanto em termos econômicos e sociais quanto ambientais. Para isso, será necessária uma presença mais ativa do Estado na regulação das finanças e na ação social. O governo Lula foi considerado uma referência importante para a construção desse novo modelo.

## Que contribuições os movimentos sociais podem esperar do Governo Federal?

**Dulci** - Desde 2003, o governo federal tem mantido intenso diálogo com os movimentos sociais do campo e da cidade. Várias das conquistas sociais dos últimos anos – redução da pobreza, fortalecimento da agricultura familiar, geração de empregos, elevação do salário mínimo, entre outros – foram fruto de negociação direta do governo com as entidades populares. O Brasil hoje possui fortes canais de democracia participativa: conferências, conselhos, mesas de diálogo, ouvidorias. Este novo modelo de desenvolvimento só tem a ganhar com a participação social.

**"Constatou-se, antes de mais nada, a falência teórica e prática do chamado modelo neoliberal imposto ao mundo nas últimas décadas"**

## Um dos temas de destaque do Fórum foi a nova organização dos trabalhadores durante a crise e no pós-crise. Que medidas o governo pode tomar para ajudar a proteger os trabalhadores?

**Dulci** - De 2003 a 2008 foram criados no Brasil mais de 10 milhões de novos empregos. Os salários cresceram e a participação do trabalho na renda nacional aumentou. Para os trabalhadores, isso é o principal. Mas é claro que a crise internacional afeta também o Brasil e prejudica os assalariados. O governo está fazendo o máximo possível para manter o nível da atividade econômica e garantir os empregos. Já desoneramos setores produtivos estratégicos e vamos ampliar os investimentos públicos, por exemplo, na construção civil. Todos os programas sociais serão mantidos, contribuindo para ativar o mercado interno. Além disso, o presidente Lula já determinou que os novos financiamentos do BNDES sejam vinculados à criação de empregos.

## O senhor disse que não o construiremos pautados nos modelos de desenvolvimento existentes, mas sim buscando alternativas. Quais?

**Dulci** - Até os arautos do neoliberalismo reconhecem que ele fracassou. A idéia do mercado auto-regulado revelou-se danosa. O Estado mínimo não é capaz de proteger a própria economia da especulação irresponsável. Isso prova que precisamos de um novo modelo de Estado, forte e ao mesmo tempo democrático. O mercado tem um papel importante a cumprir, mas o Estado deve coordenar e fiscalizar o seu funcionamento. Sem falar nos serviços sociais, que são tarefa insubstituível do Estado democrático. Trata-se de superar o falso dilema Estado x mercado. O caminho para isso, mais uma vez, é a democracia participativa, de tal modo que nem Estado nem mercado escapem ao controle da sociedade.



## De que forma o governo pode contribuir para que finalmente consigamos construir o "outro mundo possível"?

**Dulci** - Promovendo o crescimento econômico sustentável, com geração de emprego, distribuição de renda e inclusão social. Fortalecendo a cidadania ativa. Buscando uma inserção soberana e qualificada do Brasil no mundo. Em suma, valorizando as energias criativas e transformadoras da própria sociedade brasileira.

## A integração da América Latina seria um caminho? Por que?

**Dulci** - Sem dúvida. Apesar dos pessimistas de plantão, a integração do nosso continente tem avançado bastante, tanto econômica quanto social e culturalmente. O Mercosul está em seu melhor momento (basta dizer que o comércio Brasil/Argentina já é quase equivalente ao comércio Brasil/EUA). Sem falar na criação recente da Unasul, antigo sonho dos países do continente.

## Como o senhor avalia o FSM e a participação do governo brasileiro neste processo?

**Dulci** - A participação dos movimentos sociais é decisiva para que a integração não seja apenas econômica e comercial. A economia é importante, mas não é tudo. É preciso integrar também as nossas sociedades: as universidades, as igrejas, os sindicatos, os movimentos de mulheres, de jovens, etc. A plena integração é a dos povos e não apenas das mercadorias.